

três por quatro

Jornal Laboratório

FABICO - UFRGS

Dezembro de 1993



РТАЪДТ



PRAZER



IPRAZER



חמ תפ חב

Os maiores prazeres da vida são os aprendidos pelos sentidos, e aí entram a música, a cultura e a própria sexualidade. Os prazeres morais, que significam a incorporação da individualidade a um projeto da humanidade e os prazeres lúdicos, como a caminhada e o contato com a natureza.

TARSO GENRO, Prefeito de Porto Alegre

Idéia para um possível editorial A vida depois da morte

Quem procurava por tranqüilidade deveria ficar longe do Brasil em 1993. A crise política e social expôs uma face atroz da realidade do país. Foi um ano de barbárie. Vai ser lembrado como um passo atrás na História rumo a Idade Média.

A alegria característica do país da folia foi substituída pela dor.

Crimes e massacres toldaram com cores mórbidas o horizonte risonho e limpo. Este contexto inspirou a criação do 3X4 dedicado à morte. Um jornal que pretendia um recorte sombrio da crise brasileira.

Mas como esquecer a inerente vocação para o prazer do povo que cultiva o Carnaval ignorando a intensidade das crises? Desta vez, o 3X4 rastreia o cotidiano procurando o que ainda desperta satisfação nos habitantes de um território marcado pelas incertezas. Da ingênua "pelada" de fim-de-semana até a mais complexa relação dos "voyeurs" que têm prazer em ver o prazer alheio, está tudo aqui. É um jornal que mostra os prazeres da vida. Pelo menos no 3X4, existe vida depois da morte.

A proposta não é desviar dos percalços da realidade para cair na abstração hedonista. Os textos a seguir demonstram

que a busca de prazer também pode ser tratada jornalisticamente

sem cair na vulgaridade.

Embora o acúmulo de crises insista em sufocar e diminuir o prazer,

a espécie humana resiste. E, só para fechar com um chavão, apesar de tudo, este pedaço de mundo que nos cabe ainda é um belo lugar para e se viver. Com prazer.

Expediente

Jornal Laboratório dos alunos do sétimo semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Elaborado pela turma 1993/2 de Produção e Difusão em Jornalismo Gráfico sob a supervisão dos professores Mário Rocha e Rubens Weyne.

Produziram esta edição:

Alexandre Rocha, Ana Cristina Beheregaray, Ana Lúcia Kist, Anete Petrush, Carla de Andrade, Cláudia Borges, Denise Garcia, Fabricio Carpi, Gerson Brisolara, Laura Glüer, Marcelo Araújo, Marcelo Silveira, Marie Ange Bordas, Mônica Kanitz, Nelson Furtado, Paulo Ramos, Sylvia Santibañez.

Agradecimentos:

Allan Sieber.

Chefe do Departamento de Comunicação: Prof. Ricardo Schneiders da Silva
Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Profa. Ana Maria Dalla Zen

Reitor da UFRGS: Prof. Hélgio Trindade

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - CEP 90035-007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Composição e Diagramação:

Núcleo de Editoração Eletrônica - Fabico

Impressão: Gráfica da UFRGS



Poesia não é para compreender, mas incorporar
(Manoel de Barros).

Ele tinha se deitado dentro de uma árvore oca. Parecia a sua rede.
Os olhos ainda cheiravam a óleo, lamparinas abafadas pela sombra do vento.
As abelhas roncavam em sua boca.
E a sua barba de moscas era laminada pela lua.
Não tinha como assaltar o seu sono.
As unhas compridas dos pés metiam medo,
cacos de vidro presos ao barro do muro.
Os pássaros estavam prenhes dos peixes e o vagalume não sabia acender o guizo.
Por certo, ele morava na árvore. Era alma do escuro.
O casco cedia a sua ossatura.
Perdeu a esposa na roupagem do rio.
Na seda da água.

Ela extraviou o gosto de respirar e ele a morreu.
Decidiu encurtar o alfabeto. Tinha fobia do que deixava de ser.
Uma carreta de bois tentou tirar a esposa do espelho.
O pescoço amarrado a uma pedra, já era mais mineral do que gente.
O corpo subia e descia e a maré alisava os cabelos.
Parecia que tinha um amante no rio a convencendo a dormir mais uma noite.
Os bois baixavam as orelhas, enviesando as narinas para a urina do mato.

A cabeça dos bois eram frutas velhas balançando na canga.
O couro enrugado foi arrastado por um bando de pintassilgos,
sujeitos da farinha da chuva.
Ele não sabia chorar. O cão lambeu os seus olhos.
Ela tinha a pele de limo. Os joelhos ainda estavam esfolados.
O marido tentou curar a ferida com saliva.
Viu que os cabelos continuavam crescendo.
Engoliu terra, matou a fome das bestas.

Por Fabricio Carpi

Um dos prazeres da vida é encontrar um bom ouvinte, uma pessoa que nos ouça. Nessa época tão intransitiva, são poucos os que sabem cultivar essa verdadeira arte que é saber ouvir.

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL, escritor

Na infância a fantasia reina sobre a realidade

No tempo em que festejavam os dias dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era
uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava
certa como uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não
perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os
outros tinham por mim. (...)

Fernando Pessoa

"Ah se eu pudesse voltar à minha infância..." Quantas pessoas já não desejaram isto! Quantos poetas já não brindaram a infância com poemas belíssimos! O prazer de ser criança só é percebido quando já se deixou de sê-lo. Por que este período é lembrado com tanta emoção por boa parte da humanidade?

As recordações da infância que ficam na maioria dos adultos são geralmente prazerosas. "A criança é que é feliz...", ouve-se comumente. Os psicólogos, no entanto, contestam esta afirmação. Para eles, a fase da infância é muito turbulenta, onde as dificuldades podem parecer barreiras intransponíveis.

PRAZER - a criança, bem como o adulto, são regidos pelo princípio do prazer. A diferença está que o prazer da criança é inadiável. Ela não tem como segurar suas pulsões, e só à medida que começa a ingressar no mundo adulto, é que a criança aprende a dominar, protelar e até sacrificar seu ímpeto de prazer.



MARIE ANGE BORDAS

FAZ-DE-CONTA: brincar é um dos aspectos mais autênticos.

A urgência do princípio do prazer caminha junto com a fantasia. O mundo imaginário da criança é claramente exteriorizado. Nesta exteriorização, a atividade lúdica se impõe como um dos aspectos mais autênticos do comportamento infantil.

Brincar e jogar. A infância serve para isto. A psicóloga francesa Madeleine Rambert, afirma que "quando joga, a criança mostra-se em todo o seu frescor, em toda a sua espontaneidade. Quando joga, não sabe esconder nenhum dos sentimentos que a impulsionam".

A criança tem a liberdade de brincar da forma que quiser, na medida em que é regida pela fantasia. Talvez este fato é o que gere a maior nostalgia nos adultos. A criança pode brincar de carrinho e boneca

para depois imaginar-se como rei e viver seu mundo como tal. Em seguida, pode se reunir com os amigos e brincar de esconde-esconde. Tudo isto ela faz da maneira que ela quiser. A doutora em psicologia da educação Maria Folberg, diz que o jogo para a infância é sempre um faz-de-conta. Neste universo, a criança exercita sua onipotência, que no mundo real nunca é efetiva, e satisfaz também sua própria necessidade de afirmação. Folberg explica que, quando a criança cresce, começa a ceder a fantasia para a realidade, procurando se instalar como sujeito. Assim, o jogo passa a ter regras para serem obedecidas, o que evidencia que a criança começa a aceitar limitações e a vigência do princípio de realidade.

Lebovici e Diatkine no livro "Signifi-

cado e função do brinquedo na criança" definem este relacionamento com a realidade. "Crianças normais, ao mesmo tempo que toleram a realidade, podem vivê-la conforme a sua fantasia". Os autores colocam também que "o brinquedo não é só a satisfação dos desejos mas também o triunfo e domínio sobre a realidade frustrante. O jogo transforma a angústia da criança normal em prazer".

A infância é o predomínio da fantasia sobre a realidade. Este período é caracterizado por muita liberdade para movimentar-se dentro das fantasias, e é associado geralmente com alegria e prazer.

INFERNO - No entanto, o doutor em psicanálise e psicopatologia José Luís Caon, rejeita a associação da infância como um período tranquilo e prioritariamente feliz. O mito do paraíso perdido foi criado porque os adultos não se lembram realmente de sua infância. Ele explica que, em um processo psicológico, é preferível esquecer os problemas que haviam na infância, criando-se a idéia de que o período é uma fase muito bonitinha. Caon chama de hipócritas os apologistas da infância, isto porque "esta fase é caracterizada por ser muito tormentosa. A criança tem pesadelos também de dia. Na infância, o paraíso e o inferno estão lado a lado".

O adulto de fato esquece o que sua mente não pode suportar. Intermináveis sessões de psicoanálise mostram quais escondidos estão os problemas decorrentes do período da infância. Entretanto, as boas recordações serão sempre lembradas, e os poetas, estes hipócritas, como chama Caon, continuarão a traduzir a alegria de ser criança. (Anete Petrusch)

Os adolescentes procuram as fantasias dos Shoppings

Atualmente o "shopping center" é a principal área de lazer e de prazer do porto-alegrense. Frequentado principalmente por adolescentes, ele substitui confeitarias, clubes e cinemas que há duas décadas lideravam a preferência dos jovens da cidade. O shopping procura atrair o público oferecendo segurança, conforto, luxo, diversão, atendimento e qualidade de produtos, como fortes estratégias de marketing.

Em Porto Alegre, os "shoppings" Iguatemi e Praia de Belas são um bom exemplo. Eles unem áreas comerciais com praças de lazer. O prazer da visão é estimulado pela decoração das lojas e das áreas de circulação. A ele soma-se, principalmente entre adolescentes, o prazer de ser visto. Ir a estes lugares significa fazer um "programa", muitas vezes decidido de repente, tipo "última hora", sempre em um final de semana.

PAQUERA - Predominam as garotas entre os jovens que frequentam os "shoppings". Elas geralmente andam em duplas ou em pequenos grupos, como afirmou Karen C., 15 anos, que não gosta de ir sozinha porque fica "boiando" no meio das pessoas. Quando está acompanhada com as amigas, se diverte e paquera bastante. A companhia também é importante na hora de comprar roupas, porque precisa das sugestões das amigas na escolha do produto.

Para os jovens que ocupam as lanchonetes, no núcleo central das mesas, comer é somente um pretexto que lhes possibilita ocupar um lugar. E assim, podem sentar-se sem maiores constrangimentos, e lá ficar muito tempo, de preferência em grupos, para garantir o máximo de tranquilidade na conversa e na paquera.

Daniela Silva, 17 anos, estudante de 2º grau, diz que passear no shopping é um prazer, porque pode observar

a grande concentração de adolescentes, sendo o ponto estratégico as lanchonetes. "Posso observá-los desde os cabelos até o jeito de caminhar". É neste lugar que curte também as lojas que oferecem produtos "bregas". O estudante de 1º grau, João Pedro, 14 anos, visita todos os domingos o shopping Praia de Belas e fica passeando até fechar o local. Ele explica que o melhor momento é após às 16 horas porque é "nesse horário que começam a chegar as gatinhas e pode pintar uma paquera". Simone, do bairro Partenon, também frequenta o shopping Iguatemi para se divertir e paquerar e gosta do lugar porque tem muita gente, porque "é legal e mais bonito" e dá para fazer novas amizades.

CIDADE ARTIFICIAL - A antropóloga Tânia Rossari enfatiza que no caso dos shoppings o lazer não se traduz apenas como passeio ou paquera, mas também permeia a compra e, em muitas dessas formas possíveis de passeio, encontram-se componentes de prazer que se confundem com lazer. "Irradiando-se sobre esses diversos setores da vida social, a maioria dos jovens de 13 a 17 anos se deslocam de lugares distantes para compartilhar desse prazer com outros jovens da sua faixa etária", afirma.

Tânia Rossari acrescenta que os shoppings Iguatemi e Praia de Belas têm uma organização espacial que sugere uma cidade artificial e convida os adolescentes a



SYLVIA SANTIBÁÑEZ

SHOPINGS: lugar privilegiado para ver e ser visto.

submergir nesse espaço de fantasia. Outro encantamento que os shoppings utilizam é a luminosidade interna, ampliando os espaços e fortalecendo "o clima de festa permanente sentido pelos jovens". Para Tânia Rossari, as áreas das lanchonetes são os espaços de ritual mais importantes dentro dos shoppings, porque é nesse ponto que os adolescentes se concentram mais.

Ir ao shopping é um lazer, prazer e moda. É o local da cidade onde se encontram os produtos mais modernos. Desde as roupas da moda até os aparelhos eletrônicos de última geração. Mesmo que o jovem não tenha poder aquisitivo para comprar, sente uma atração pelo shopping. Isto porque esse local possui um clima de fantasia e beleza que alimenta o prazer. (Sylvia Santibañez)

A alegria na terceira idade

Envelhecer em nossa sociedade traduz uma condição de desprezo pelos mais jovens, equivale a ser colocado à margem do processo produtivo. É como se todos os conhecimentos adquiridos com o passar dos anos não significassem mais nada. Parece já ser tarde para aproveitá-los numa convivência social, devido aos gestos mais lentos ou a dificuldade de articulação das palavras.

O preconceito que pesa sobre os mais velhos, muito evidente no Brasil, associando-os à idéia de pessoas inaptas, condena à improdutividade todos aqueles que ultrapassam a faixa dos 60 anos de idade.

Como resposta às barreiras impostas pela discriminação contra a terceira idade, têm-se multiplicado as iniciativas que apostam no idoso como ser produtivo, buscando resgatá-lo para o convívio social e preservá-lo na sua integridade.

CONSELHO - Criado em 1988, por decreto do Governador Pedro Simon, o Conselho Estadual do Idoso (CEI) reúne entidades, tanto públicas como privadas, com o objetivo de orientar as políticas voltadas para a terceira idade. Além disso, incentiva a integração social dos idosos para a formação de uma mentalidade de valorização deste segmento da sociedade, promovendo todo o tipo de atividade, desde as artísticas e de lazer, até as de caráter educativo.

São integrantes do CEI os grupos de convivência, organizados em comunidades religiosas, clubes e associações de bairro ou de empresas. Um exemplo é o Clube Arco Íris, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. É considerado o mais antigo de Porto Alegre, fundado em 1979. Reúne aproximadamente 130 pessoas, entre homens e mulheres, de todas as crenças religiosas. Estão organizados em pequenos grupos que formam o coral, o grupo de ginástica, de teatro, desfile de modas e equipe de bazar. Realizam quatro excursões por ano entre outras atividades de integração, como shows e desfiles abertos à comunidade.

O CEI ainda apóia, através de indicações e orientações técnicas, as Universidades da Terceira Idade. Funcionando em forma de projetos de extensão, as Universidades da Terceira Idade vêm ampliando sua atuação junto às Universidades da capital e do interior. Presentes em Santa Maria, Passo Fundo, Uruguaiana e Pelotas desde 1991, os idosos têm a oportunidade de discutir assuntos referentes a sua idade, como também refletir sobre os temas da realidade brasileira, como Mercosul e qualidade de vida, entre outros.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com uma equipe formada por profissionais da Faculdade de Psicologia, estagiários e bolsistas, atende a um grupo de 180 alunos divididos em grupos menores de acordo com interesses diversos, como ecologia, línguas estrangeiras, artesanato, expressão corporal e saúde. Em Porto Alegre existem outras duas possibilidades de cursos de extensão para a terceira idade, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), e no Instituto Porto Alegre (IPA).

SEM TEIAS - Merece destaque, no que se refere às iniciativas junto a idosos, o Grupo de Teatro Sem Teias, formado por nove mulheres com idade acima de cinquenta anos. Este grupo se originou dos grupos de Improvisação Teatral, oferecidos pelo Ateliê Livre da Prefeitura, sob a coordenação da atriz Isabel Ibiás. "Não havia pretensão de ir ao palco", conta Isabel, "tudo aconteceu naturalmente", e hoje o Sem Teias é um grupo independente, participando de festivais, como o Festival Internacional de Teatro de Canela, e suas integrantes sendo convidadas para atuar em curtas e



ANETE PETRUSCH

Nos grupos de convivência, o prazer da atividade em conjunto.

comerciais para TV.

O Projeto Teatro da Terceira Idade começou com um grupo pequeno e hoje participam dele aproximadamente 80 pessoas, sendo na sua maioria mulheres. Segundo Isabel, estas pessoas procuram as atividades de improvisação teatral com o objetivo de se equilibrarem emocionalmente. São donas de casa, professoras, advogadas e outras profissionais aposentadas que procuram uma atividade de integração e de recuperação de sua valorização como pessoa.

VIVER MUITO E PERMANECER JOVEM - Qual seria o segredo para esta conquista? Como chegar à velhice e continuar vivendo com saúde e disposição da juventude?

Algum tempo atrás, acreditava-se que o geriatra deveria ser procurado no momento em que aparecessem os sintomas dos problemas mais comuns na terceira idade. A arteriosclerose, por exemplo, onde ocorre uma diminuição do diâmetro interno da artéria pela deposição de colesterol, não apresenta sintomas até atingir 70% de obstrução. A partir daí, esta doença pode evoluir para trombose, e o paciente pode chegar a ter um enfarte. Como, então, saber o momento de se tratar?

Segundo o médico Antônio Carlos Souza, do Instituto de Geriatria do Hospital da PUC, a grande bandeira da geriatria é tratar antes do problema acontecer. A prevenção deve iniciar por volta dos 30 anos. Souza explica que alterações arteriais podem existir na infância ou mesmo, como a diabetes, ser hereditárias. O que vai acelerar ou diminuir o processo deste tipo de doença é a forma de vida que a pessoa leva.

Com o tratamento preventivo é possível detectar estes problemas antes de sua manifestação. O paciente recebe orientações de como evitar o envelhecimento precoce e de como chegar sem traumas a este período da vida.

"A mudança da forma de vida é mais importante que remédio", diz o médico Antônio Carlos. Para ele, as iniciativas para a terceira idade contribuíram muito para a saúde do idoso. Ao sair de casa, ele evita o círculo vicioso da depressão que o leva a obesidade e ao sedentarismo, condições que propiciam o desenvolvimento de doenças degenerativas. Antônio Carlos encerra dizendo que "a geriatria, hoje, se dedica a dar vida aos anos e não anos à vida". (Carla de Andrade)

A mania de guardar coisas

Selos vencidos, moedas fora de circulação, canetas sem uso, latas vazias. Esses objetos, aparentemente sem valor utilitário, são de grande estima para muitas pessoas que cultuam um hábito bem antigo: o colecionismo.

Para alguns é um simples hobby, para outros terapia ocupacional, uma distração. Há quem o caracterize como uma mania excêntrica. Não é fácil, pois, explicar por que certas pessoas adoram guardar coisas que para outras não passam de velharias ou bugigangas. O certo é que todo colecionador sente um estimulante prazer em coletar e organizar objetos. "Poucas coisas me dão tanto prazer quanto limpar e organizar permanentemente os meus selos", diz o filatelista Carlos Pereira.

Carlos Pereira também coleciona moedas e cédulas há mais de vinte anos, mas não tem noção do número de peças que possui. É como explica o comerciante Paulo Ricardo Junges: "Todo colecionador se surpreende, quando lhe perguntam quantas peças possui. Não valorizamos a quantidade, e sim a raridade e a qualidade".

Paulo Junges possui 600 cartões postais de Porto Alegre, todos até a década de 20, além de um acervo filatélico. Para ele o colecionismo é uma mania inata ao ser humano. "A diferença é que alguns a têm mais desenvolvida, sempre de acordo com a personalidade", explica. "Eu comecei por curiosidade, que foi aumentando e se renovando com o crescimento da coleção".

A filatelia (selos) e a numismática (moedas) são as mais frequentes formas de colecionismo. Mas esse universo é bem diverso e curioso. No Rio Grande do Sul existem coleções de armas, relógios, chaveiros, latas de cerveja, canecos de chopp, entre outras. Há cerca de dez anos, o programa norte-americano *Acredite Se Quiser* mostrou um médico que colecionava cérebros humanos, conservados em formol num laboratório. Dentro da mesma linha, apresentou um cientista com o hábito de guardar esqueletos.

CICLOS - O colecionismo pode surgir de uma paixão. É o caso dos fãs que conservam todo material a respeito do seu ídolo. Ou do torcedor que guarda recortes, flâmulas, posters, bandeiras e tudo sobre o clube preferido. O executivo Marcos Telore é um apaixonado por esportes americanos, como o beisebol por exemplo. Esta é a justificativa que ele mesmo faz para explicar a sua coleção de 50 bonés.

O ato de colecionar apresenta ciclos. Nas décadas de 1940 e 1950, as estampas do Sabonete Eucalol eram a moda. Cada embalagem vinha acompanhada de ilustrações de animais, fatos históricos, fotos de artistas, paisagens, entre outros temas aproveitados pelos colecionadores. Atualmente, o colecionismo em maior crescimento é o de cédulas. A onda na Europa são as coleções de cartões telefônicos e, no centro do Brasil crescem as de cartões de crédito.

Os cartões de crédito raros custam cerca de mil dólares. O selo Park Strip, dos mais incomuns, vale aproximadamente 660 mil dólares. Estes preços mostram que uma coleção pode envolver grandes somas. Uma moeda ou selo raro seguidamente é negociada por leilão. Apesar disso, colecionar não implica alto poder aquisitivo, conforme explica Paulo Junges. "O equivalente a meio salário mínimo é suficiente para se iniciar uma boa coleção filatélica. É claro que quanto mais simples, mais barata a coleção", diz o comerciante. (Marcelo Araújo Silva)

Um dos melhores prazeres para mim é uma boa massa italiana, com um bom vinho tinto e um "pesto" caprichado.
SÉRGIO ZAMBIASI, Deputado Estadual e radialista

Pablo Picasso



Sem lenço, sem documento

Quem são os jovens dos anos 90? São os cara-pintadas que ajudaram a derrubar um Presidente corrupto. São petistas, anarquistas, alucinados, transtornados, amantes, conservadores, perdidos, céticos. Alguns não tem nome. Outros não podem se identificar. É o caso de Caco, estudante de arquitetura, 21 anos, que nos revela suas experiências com drogas, sexo e política. Embora lúcido, capaz de articular um discurso plenamente defensável em qualquer plenária do Congresso Nacional, Caco não pode dizer seu nome porque neste país ainda não é proibido proibir. Quem fala em drogas e assume ser usuário tem um destino certo: cadeia. Cadeia é o lugar onde deveriam estar os corruptos que atacaram a Presidência da República, o Orçamento da União ou se envolveram com as propinas no Governo do Estado. Indignado com esta situação, Caco não aceita viver à margem e exige a descriminalização do uso das drogas. Para ele, "a política institucional não pode ocupar um espaço privilegiado em relação ao amor, ao prazer ou ao sexo, embora muitas vezes os determine".

3X4: Caco, por que jamais participe de um partido político?

CACO: Porque qualquer partido político limita nossa possibilidade de ser livre. Num partido político a gente precisa defender as idéias perante a sociedade formuladas pelo coletivo; mesmo que não sejam exatamente aquelas com as quais a gente se identifica.

3X4: A política te dá prazer?

CACO: Também.

3X4: E o que mais?

CACO: Sexo, drogas e MPB.

3X4: A AIDS não atrapalha?

CACO: Atrapalha. É a doença mais desgraçada que poderia aparecer. Ela bloqueia o nosso prazer. Mas a Igreja e a moral também bloquearam. E também mataram. Eu acho a AIDS uma grande sacanagem. Mas eu

suponho que a sexualidade tenha outros muros a derrubar além do risco da AIDS.

3X4: Quais?

CACO: Os tabus da virgindade e da não virgindade, a supremacia do falo, os conceitos agregados como a heterossexualidade e a homossexualidade.

3X4: Como assim?

CACO: As pessoas deixam de ser sexuais para ser heterossexuais ou homossexuais. O fluxo energético da sexualidade é uno. O prazer ocorre entre homens, entre mulheres e entre homens e mulheres. Negar isto significa a afirmação do preconceito, significa a exclusão. E isto está na contramão do prazer, que exige a união dos corpos, a manifestação de todos os desejos, e não apenas de alguns desejos permitidos. Os gregos sabiam disso. E a Igreja também. Tanto que ela prendeu o prazer há muitos anos. No fundo eu acho que a nossa geração precisa recuperar o seu prazer. A nossa cultura precisa ser de vida e não de morte.

3X4: Tu falas em cultura de vida e defendes a utilização de drogas. Isto não é uma contradição, independente das avaliações morais que circundam este tema?

CACO: Não é uma contradição. O que ocorre é que no Brasil há muita desinformação. Aqui a gente acha que maconha mata. Esta é uma puta mentira. Em relação à tua pergunta, o que se precisa é, antes, discutir o que significa vida. Para mim, ela não se restringe ao tempo cronológico que vivemos. Ela vai além: ela precisa ser avaliada a partir de sua qualidade sincrônica. E, neste sentido, a utilização de drogas nos abre perspectivas para outras sensibilidades. Por exemplo, já utilizaste cocaína transando?

3X4: Como foi esta experiência?

CACO: Foi do caralho. Um puta delírio. Tu vais escrever isto?

3X4: Vou sim.

CACO: Ótimo. Porque esta linguagem revela de alguma forma para a juventude a extensão desta experiência. Ou seja, é impossível descrevê-la. Então, a gente utiliza expressões como estas, corrente entre os jovens, e assim nos fazemos compreender.

3X4: Como a juventude pode se fazer compreender legalmente naquilo o que se refere ao prazer do consumo de drogas?

CACO: Assim como foi às ruas para ajudar a derrubar um Presidente corrupto, deverá ir às ruas para defender as nossas possibilidades de vida. Acho que o Movimento Estudantil deveria lutar pela descriminalização do uso de drogas. Diversos Congressos da UNE já deliberaram pela luta pela descriminalização do uso da maconha. Assim se acabaria com o tráfico e com os mafiosos que lucram com isto. Por que o Estado não legaliza, cobra impostos e cria clínicas para atender aos viciados? O mal do vício não está nas drogas, mas em outras instâncias da psiquê humana. Eu consumo drogas e não sou viciado. No entanto, não posso expor isto publicamente porque corro o risco de ser preso. Nesta entrevista, não posso me identificar. Isto é um absurdo do ponto de vista da liberdade de expressão e das liberdades individuais. Eu só quero viver todas as possibilidades plenamente, sem culpas ou punições.

3X4: Mas o "sinal está fechado para nós, que somos jovens"...

CACO: É verdade. Esta música diz muita coisa. Quando foi gravada pela Elis era o símbolo de resistência à ditadura militar, denunciava o fechamento dos sinais. Mas agora, se o sinal está fechado pouco importa porque a gente passa do mesmo jeito. Naquela época, os tanques estavam nas ruas, hoje voltaram para os quartéis. Espero que amanhã estejam apenas nos museus, como símbolo da nossa barbárie. (Alexandre Rocha da Silva)

Os junkies estão alvoroçados. Descoberto um novo "barato". E desta vez é barato sim. É vendido livremente nas farmácias, não precisa da rigidez da prescrição médica, não é ilegal e pode-se aplicar em qualquer lugar sem dar bandeira. Não é preocupante como a maconha ou o LSD dos lisérgicos anos 60. Não é degradante como a heroína dos anos 70 (a temível *brown sugar*, como diziam os ingleses). Não é tão caro como a elitista cocaína usada pelos yuppies dos 80. Não possui o glamour *dance-house* do crack dos 90. Os brasileiros,

particularmente os paulistas, estão contribuindo para as delegacias de entorpecentes do país e - futuramente - quiçá do mundo, registrarem mais um narcótico: o colírio.

Se colírio nos nossos olhos e nos dos outros é refresco, nas narinas é "viagem". Duas marcas do medicamento que outrora aliviava as irritações oculares hoje estão sendo utilizadas em larga escala como alucinógenos por adoles-

centes. Nada como a fedelhada assistir à televisão com um vidrinho de colírio na mão e ir pingando gota a gota nas narinas.

A experimentação com o incipiente método de dopagem já chegou ao ponto da gurizada bolar coquetéis com as mais surpreendentes misturas. Um adolescente paulista de classe média de 17 anos misturou aguardente com o colírio e disse ter viajado durante oito horas se-

guidas. Um outro menor fungou o líquido do medicamento junto com uns tapiinhas de baseado e até um dragão no seu receptor de TV ele jura ter visto.

O colírio, antigo benefício para ciscos, hoje está sendo reservado para os amantes dos delírios. Bendita imaginação que experimentou este inusitado método de alterar os estados da mente. Previsões para as novas ondas: cheirar pó de giz, grapete, chulé de meia e até o doméstico *Diabo Verde*. Quem não tem colírio... (Gerson Brisolara)

Delírio do Colírio

Estranhas formas de prazer

Os sentidos do

A grande maioria das pessoas considera repugnante o desejo de ferir ou de ser maltratado por alguém. Alguns, no entanto, só conseguem se excitar com a idéia da dor. Podem ser sádicos, masoquistas ou sado-masoquistas.

Sadismo é a palavra usada para descrever a excitação erótica conquistada através do sofrimento. O termo surgiu com o nobre francês Marquês de Sade, que passou a maior parte de sua vida preso, e, nos períodos de liberdade, se envolveu em escândalos.

Autor de vários livros, o Marquês de Sade chegou a propor a constituição de uma sociedade na qual todos teriam liberdade de praticar as formas de desvio que sentissem vontade. Sua filosofia pedia maior tolerância aos que, como ele, possuíssem "gostos estranhos".

Aliás, gostos estranhos rechearam, ao longo dos tempos, a história da humanidade. Gilles de Rais, inspirador da lenda francesa do Barba Azul, eternizada por Charles Perrault no século XVII, admitiu a autoria de pelo menos 140 assassinatos com rituais de crueldade durante um período de oito anos.

Casos de sadismo extremo, como a tortura e a violação de crianças, e o crime pela satisfação sexual, também não são raros. O caso de Peter Kurten, nascido em Köln-Mülheim, na Alemanha, em 1883, é um exemplo disso.

Desde os primeiros anos de sua vida, Kurten assistiu a cenas sexuais acompanhadas de violência e, várias vezes, viu sua mãe ser agredida pelo pai. Quando menino, torturava animais e, na adolescência, tentou estuprar alunas de seu colégio. Também tinha relações sexuais com ovelhas, para depois matá-las a golpes de faca.

Em 1929, cometeu oito crimes e catorze ataques, acabando por pedir a sua esposa que o denunciasse. Sabia que a prisão era inevitável. Apesar disso, permaneceu despreocupado durante o julgamento, num conjunto de atitudes típicas de um sádico.

MASOQUISMO - Elementos de conduta sádica podem ser encontrados, em grau variável, em muitas pessoas. Para algumas, um certo grau de sadismo pode ser um elemento necessário à realização sexual e isso se explica pelo próprio fato do ato sexual conter em si uma certa agressividade natural. "Morder, arranhar, beliscar são parte da resposta humana ao estímulo sexual", afirma o terapeuta Hélio Himmel. "Os limites dessa resposta é que precisam ser observados", prossegue.

Um obsessivo desejo de humilhar pode manifestar a personalidade de um sádico, que, segundo a psicologia, é um indivíduo que não tem segurança quanto à sua posição social. É importante observar, no entanto, que, em alguns casos, as vítimas dessas pessoas são indivíduos que gostam da dor e da humilhação, apresentando uma personalidade masoquista.

A personalidade masoquista se caracteriza pela ansiedade compulsiva e pela autoflagelação como forma de buscar prazer. Ele despreza a si mesmo e à própria vida. Julga não merecer nada além da humilhação. Sua alegria está em ver confirmada essa opinião.

Talvez seja mais fácil, ou no mínimo mais evidente, compreender a satisfação que o sádico experimenta ao agredir alguém do que compreender o masoquista em seu prazer na submissão. Culpa e medo parecem ser os dois principais fatores presentes nas tendências masoquistas. Se um indivíduo se sente culpado em relação a seus desejos sexuais ficará satisfeito ao ver esses desejos aliavidos e, assim, vê na flagelação a penitência para poder permitir-se a recompensa do prazer erótico.

DOSE DUPLA - Em algumas pessoas acontece uma estranha combinação de sadismo com masoquismo. O próprio Marquês de Sade era masoquista em algumas ocasiões, embora o espírito sádico fosse dominante. Casais que empregam fantasias sado-masoquistas, grilhões e espancamentos na prática do ato sexual, frequentemente alternam os papéis sádico e masoquista.

Todo esse conflito, segundo Himmel, pode ter origem na infância, como resultado da própria relação de dependência que a criança tem com os pais. Afinal, se de um lado os pais representam para a criança a satisfação de todas as suas necessidades, de outro, também impulsionam na criança um desejo de libertação e um ressentimento causado pela frustração desse desejo.

Para Freud, pai da psicanálise, uma criança que assistisse ao ato sexual de adultos, especialmente de seus pais, pode carregar impulsos sado-masoquistas pelo resto da vida.

Teorias à parte, talvez conhecer um pouco mais a respeito dessas psicopatias nos leve a justificar o comportamento de algumas de nossas personalidades contemporâneas. (Laura Glüer)

Prazer. (Do lat. *placere*.) V.t.i. 1. Causar prazer ou satisfação; agradar, aprazer, comprazer. *Passeemos um pouco, se isto lhe praz.* S.m.2. Sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que atende a uma inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite: *Caminhar na praia é um prazer; o prazer da leitura.* 3. Disposição cortês, afável, agradável, satisfação: *A diretoria do clube tem o prazer de convidar os novos sócios.* 4. Distração, divertimento, diversão: *Vive num turbilhão de prazeres.* 5. Gozo.

Prazer: as definições são muitas, mas é inegável que quando pensamos no assunto, sexo é quase sempre o que nos vem a cabeça. Sexo = prazer. Sexo + prazer = satisfação. Segundo a psicanálise freudiana seria esta a equação sobre a qual nossa sanidade mental se basearia. Na própria psicanálise e na filosofia, durante muito tempo atribuiu-se todo prazer a algo erótico, significando, que, em um sentido restrito, ele é sexual e, em sentido amplo, que se relaciona com sensações corporais (necessidades orais, anais ou genitais). Ou seja, relacionamentos humanos e atividades sociais seriam apenas geradores de prazer, ao proporcionar satisfações físicas ou subliminares. Este prazer - derivado de atividades sublimadas - era estigmatizado como inevitavelmente menos intenso que a satisfação de necessidades eróticas. Segundo Freud "o sentimento de felicidade produzido pela entrega a uma ânsia selvagem e indomada é incomparavelmente mais intenso do que a satisfação de um desejo contido."

De acordo com o psiquiatra americano Thomas Szasz, em seu livro *Dor e Prazer*, o prazer tem sido muito pouco estudado pela psicologia moderna. Este descaso deve-se a fatores diversos, entre eles, talvez o mais curioso seja o moral, a associação de satisfação com o hedonismo (que sugere vinho, mulheres e música aos puritanos, ou sexo, drogas e rock' n roll na versão moderna), que tornou o assunto um tema pouco sério para estudo. Para Szasz, o prazer seria um termo aplicado a um estado sensorio, portanto para compreendê-lo é preciso desvincular-se dos preconceitos psicológicos e filosóficos que o definem

como simplesmente a ausência da dor, ou como resultado da satisfação de uma necessidade física.

Leigamente falando, podemos dizer que o termo prazer é utilizado cotidianamente com dois significados: para denotar estados de espírito especiais como alegria, exaltação, divertimento, ou simplesmente como sinônimo de gostar de algo. Por exemplo, quando uma pessoa tem um hobby especial, como colecionar selos, e fica completamente absorta por este hobby, dizemos que ela está sentindo prazer com o que está fazendo. Mesmo que não demonstre nenhuma exaltação física. Ou seja, mesmo que ela não esteja fisicamente excitada, tendo uma satisfação "quase sexual" com seus selos. Neste sentido colecionar selos seria um prazer, não um veículo de prazer.



Comer, viajar, como é que a gente fala numa palavra bonita aquele negócio ...
amar e trabalhar, para mim são prazeres na vida.

SÍLVIA COLLER, profa. Psicologia da UFRGS

o prazer

Momento extremo



SEXO NA CABEÇA - Mas, voltando àquilo que não nos sai da cabeça - conforme o sábio Freud - não adianta ficar dando voltas tentando dar explicações teóricas, quando os nossos hormônios insistem em convencer-nos de que prazer que é prazer é o que satisfaz a nossa ânsia selvagem e carnal. Sexo na cabeça. Afinal, se existe algo que tenha marcado a história humana, este algo é certamente a busca do prazer. Do homem primitivo ao high-tech, esta busca tem "evoluido" constantemente, o que faz com que a assepsia sexual dos filmes de ficção futurista pareça realmente longe da realidade. Por mais que a AIDS tenha modificado o nosso comportamento sexual, ou até mesmo devido a ela, surgem cada vez mais formas "alternativas" de satisfação. Estão aí os instrutivos escândalos políticos regados a bonecas infláveis e afins que reafirmam a supremacia do sexo sobre qualquer outro fonte de prazer.

Das poções afrodisíacas - que variam da tradicional maçã bíblica e do amendoim a complicadas receitas que incluem línguas de lagartixa e ovos de tartaruga - aos exóticos acessórios tipo "sex-shop". Da pornografia marginal ao requinte oriental do Kama Sutra. Da masturbação solitária às relações homossexuais, do voyeurismo dos *peep-shows* ao - agora tão badalado - sadomasoquismo, a busca é incessante. Mas independente de qualquer tendência ou modismo, a sexualidade humana é sempre única. Cada pessoa processa seus sentimentos, atitudes e crenças de forma absolutamente pessoal, resultado de fatores sócio-culturais múltiplos. A distinção entre o que é "normal" e "anormal" é cada vez mais relativa.

Mas em meio a toda esta variação, nota-se neste final de século uma forte tendência a busca da realização afetiva e sexual com um único parceiro, seja ele do sexo oposto ou do mesmo sexo. Conservadorismo ou não, os filhos da Revolução Sexual da década de 70, substituem o amor livre por "relações estáveis". As razões para tanto podem ser várias, inclusive o temor da AIDS, mas, acima de qualquer uma delas está o fato de que o ser humano é um animal racional, portanto, a busca do prazer sexual ultrapassa as barreiras do ato mecânico-fisiológico. Sendo assim, as relações entre pessoas envolvidas emocionalmente parecem ser as mais intensas, as que fazem do prazer uma experiência mais "completa". Recentes pesquisas indicam que, por maior que seja o número de solteiros que acredite que o amor não seja imprescindível para uma relação sexual prazerosa, são sobre as relações com algum tipo de envolvimento emocional que recaem as preferências da grande maioria. (Marie Ange Bordas)

Sintomas:

Batimentos cardíacos: 180 batidas por minuto.
Respiração acelerada e ofegante.
Dilatação dos vasos sanguíneos periféricos e conseqüente rubor generalizado.
Tensão muscular, transpiração, contrações rítmicas...

Se você pensou ser este o quadro clínico de um piloto de Fórmula 1 em pleno Grande Prêmio de Mônaco, chegou perto. Talvez o estado da Madonna após duas horas de show... Quase isso! Mas o diagnóstico preciso para tal quadro é bem menos (ou bem mais?) aventureiro do que poderia-se imaginar: simplesmente um **ORGASMO**.

Simple, mas *non troppo*. Tabu para alguns, sinônimo de paraíso para muitos, o orgasmo talvez seja o aspecto mais estudado da sexualidade humana. Nesta época em que parece ser moda proclamar ao mundo suas experiências sexuais, em que modelos, artistas, políticos e anônimos descrevem detalhadamente seus segredos "nem tão de alcova", os orgasmos múltiplos parecem ter virado obrigação. As revistas femininas dão dicas para "você chegar lá", promovem testes para medir a sua "normalidade" sexual, terapeutas de plantão diagnosticam pela TV, enfim, o orgasmo virou praticamente uma instituição social.

E como qualquer instituição que se preze, merece ampla bibliografia e pesquisa científica. É impressionante o número

de pesquisas sobre o assunto nos últimos 30 anos. Dentro da evolução científica são relativamente recentes algumas das "grandes" descobertas sobre este "ápice de prazer". Antes da década de 60 desconhecia-se, por exemplo, os mecanismos da ereção masculina, ou a possibilidade das mulheres terem orgasmos simultâneos. Desconhecimento compreensível tendo em vista que o estudo da fisiologia sexual, na época, era baseado em pesquisas com animais. Foram os polêmicos - ou questionáveis - americanos Masters e Johnson que inovaram na questão realizando a primeira pesquisa sobre o assunto baseada na observação de seres humanos, em 1966.

Em sua - agora clássica - pesquisa, Masters e Johnson utilizaram métodos pouco ortodoxos para a época: mediram, filmaram, fotografaram e puseram em gráficos mais de 10 mil sessões de atos sexuais. Estes atos variavam desde relações hetero ou homossexuais, até sexo solitário com um pênis artificial de acrílico translúcido, dotado de uma micro-filmadora. Tudo pela ciência. Acumularam uma quantidade incrível de dados sobre o comportamento sexual, sendo o mais importante a definição científica das quatro fases do ciclo sexual: excitação, platô, orgasmo e relaxamento. Segundo eles, "se uma estimulação sexual efetiva continua após a fase do platô, pode-se chegar a um ponto onde o corpo repentinamente descarrega sua tensão sexual acumulada em um ápice de excitação sexual chamado de orgasmo".

Biologicamente, a mais curta fase do ciclo sexual, dura apenas alguns segundos, durante os quais contrações musculares

ritmadas produzem intensas sensações físicas seguidas de um rápido relaxamento. Psicologicamente, é um momento de prazer em que a racionalidade parece ir para o espaço. Tecnicamente definido como "ápice do prazer sexual, que é sua meta" (vide Enciclopédia Abril da Vida Sexual), este ínfimo momento de prazer merece as mais diversas definições, bem menos técnicas: viagem de foguete, explosão de luz (para os mais esotéricos), pedaço de céu, pura loucura... Tudo vale para descrever o que parece ser a mais singular experiência humana. O que não existe é uma definição hermética e definitiva, um padrão a ser seguido.

Um orgasmo não só difere de pessoa para pessoa, como pode variar para a mesma pessoa em diferentes situações. Por todas estas razões é impossível estabelecer uma descrição objetiva, bem como uma "ditadura" do orgasmo. Principalmente por ser uma experiência subjetiva, que depende de fatores não só biológicos, como psicológicos, ele pode acontecer ou não. Pode ser simultâneo para ambos os parceiros ou não; parecer uma montanha russa para alguns, enquanto para outros lembra mais um carrossel. Tudo é imprevisível. A única certeza é de que a preocupação extrema com o "será que vem ou não vem" dificilmente ajuda para o "chegar lá". E que um orgasmo, por mais que seja o "ápice do prazer", não é a única forma de prazer, é só uma escala de uma prazerosa viagem. (Marie Ange Bordas)



Acho que prazer é estar com uma pessoa que tem a ver. O meu trabalho não me dá prazer, mas também não me incomoda, não. Agora, é muito bom poder comprar as coisas que eu quero, ir a lugares legais com o dinheiro que ganho.
GYOVANNA, garota de programas da agência Scott Girls

Um negócio chamado sexo ao vivo

O programa atrai os *voyeurs*. O Cinema Atlas apresenta 14 horas de sexo por dia. A pornografia começa às dez da manhã e vai até a meia-noite. Em cartaz sempre produções de sexo explícito. A cada intervalo entre os filmes, a ação se transfere para o palco. Os olhares da plateia trocam a tela grande pela performance de um casal na cama.

"A Pequena Depravada" e "Toda Nudez é Perdoadada" são os títulos exibidos na tarde chuvosa do feriado de 15 de novembro. O público, formado quase que totalmente por homens, ocupa a metade dos 180 lugares do cinema. O preço equivale a um ingresso de cinema no shopping center (cerca de um dólar e meio). O espectador tem direito a poltronas que rangem e uma programação que alcança o clímax ao final de cada filme. Quando o "the end" aparece na tela, acendem-se as luzes coloridas. Vai começar o espetáculo de sexo ao vivo.

O casal já chega no palco vestindo trajes mínimos. Depois dos rápidos afagos preliminares, eles ficam nus. Os trejeitos e as insinuações dignas de Madonna terminam por aqui. A dupla parte para uma seqüência de



carícias e penetrações, se revezando entre a cama e o sofá que compõem o cenário. Tudo ensaiado para dar a melhor visão de cada pose ao espectador. As cores da iluminação acompanham este balé pornográfico ao som de canções românticas francesas. São 20 minutos de cópulas explícitas em clima de filme mudo. Não se ouve um gemido erótico. O encerramento é marcado pelas evidências do orgasmo masculino. A música termina, os protagonistas agradecem e saem de cena.

FAMÍLIA - As seis apresentações diárias de sexo ao vivo no Cinema Atlas são divididas por dois casais. Uma destas duplas é formada por Taís Monteiro e Néelson Machado. Eles estão na profissão há três anos e meio. "O início foi difícil. Nós ficávamos nervosos. Demoramos um mês para perder a timidez diante do público", comentou Taís. Além dos shows no cinema, o casal se apresenta em boates da capital e do interior do Estado. Chegam a realizar seis performances por dia. "Para manter a forma é preciso uma boa alimentação, nada de bebida e nem cigarro", garante Néelson. Segundo o casal, o desgaste físico compensa financeiramente. O trabalho no cinema rende para os dois cerca de dez salários mínimos. São profissionais do sexo, mas com limites. Eles não aceitam propostas indecentes para engordar o orçamento. Taís e Néelson disseram que programas com outros casais estão fora de cogitação. "Nosso trabalho é em família, não queremos promiscuidade", afirmou ele.

INCIDENTE - No Primeiro Mundo, os *voyeurs* são reconhecidos como público consumidor de sexo explícito. Os *peep-shows* são casas de espetáculo que dispõem de cabines individuais, higiênicas e confortáveis. Ali, o espectador acompanha uma exibição pornográfica e pode fazer o que bem entender. Já o Cinema Atlas, foi concebido para conter os impulsos da plateia. Segundo Emílio Alves, gerente do cinema, os corredores laterais

da sala evitam os excessos. "Nós não temos poltronas junto a parede. Estes lugares nos cantos é que são os preferidos por quem quer se masturbar", disse Alves. Ele contou também que desde a inauguração do cinema, há dois anos, ocorreu apenas um incidente. "Um espectador entusiasmado invadiu o camarim do casal após o show. Mas, foi contido de imediato pelos dois seguranças da casa", afirmou.

DIPLOMA - A outra opção de sexo ao vivo para os aficionados do gênero é a Faculdade do Prazer. Esta boate programa três apresentações por semana com o mesmo casal que faz o show no cinema.

Na boate, a apresentação de Taís e Néelson passa por algumas adaptações. A cama é substituída por um colchão no piso e não existem os efeitos de iluminação. A proximidade do público dá um tom intimista ao espetáculo que preserva as mesmas poses mecanizadas do casal.

Se no cinema os espectadores não tinham para onde canalizar seus instintos, na Faculdade do Prazer o sexo ao vivo funciona como elemento mobilizador. As 15 garotas da casa estão prontas para satisfazer os ímpetos da plateia. Basta ter no bolso o equivalente, em cruzeiros reais, a 15 dólares. Segundo o proprietário, que não quis se identificar, o sexo ao vivo chama o público. "Nos dias de show, em média 60 homens frequentam a casa e 25 compram o diploma do prazer", disse ele referindo-se ao número de clientes que procura as garotas de programa.

A Faculdade do Prazer direciona seus serviços para os boêmios diurnos. "A boate é frequentada pelo pai de família que precisa estar em casa à noite", afirmou o proprietário. O prédio da rua Marechal Floriano está aberto nos dias úteis das onze da manhã às dez da noite aos interessados em subir três lances de escada para comprar um orgasmo. (Nelson Furcado)

Motéis inspiram magia e aventura aos amantes

CLAUDIO CAUDURO

Sábado. Onze horas da noite. O coração bate em ritmo acelerado. A respiração está ofegante. À frente, a fila parece não acabar nunca. O corpo suado estremece... O desejo se torna incontrolável... Dos carros, ao longe, só se escutam gemidos... As luzes de neon indicam o local. Dizia: "Motel".

Quem nunca ouviu falar de motel, nem que seja pelos out-doors espalhados pela cidade?

Há dois anos, o Motel da Barra lançou um slogan que marcou época e o tornou um dos motéis mais populares de Porto Alegre: "Campanha ecológica - Não trepe em árvores - Vá ao Motel da Barra".

A lista telefônica apresenta um repertório de motéis bastante variado. E tem para todos os gostos. Desde os mais luxuosos até os mais modestos. Quem estiver interessado em um "Pronto Socorro Sexual", por exemplo, pode procurar o Motel Star, pois é assim que ele se auto denomina.

Hoje, os motéis estão em toda parte, até nos lugares mais imprevisíveis. Mesmo assim, nos fins de semana, dias de maior movimento, não dão conta da demanda. Segundo a proprietária do Motel Vison, Raquel Zanetti, é comum se formarem filas de quinze a vinte carros à espera de uma vaga, nas sextas-feiras e sábados à noite. Raquel salienta que não são só casais que frequentam o motel. "Famílias vem aqui tomar banho de piscina, empresários fazem reuniões de negócios e também vem gente sozinha para relaxar".

FILA EXCITANTE: O jornalista B.C. assíduo frequentador dos motéis Vila Rica e Casa de Campo, na zona norte de Porto Alegre, diz que não se importa em ficar horas em uma fila. "Acho que até é mais excitante," assegura. "Se eu saio com uma gata que conheci na mesma noite dá tempo de quebrar o gelo e até de criar um



Ilha da Fantasia: Luxo para o prazer.

climazinho mais romântico."

A vendedora, Claudiona B., casada mãe de dois filhos, seguidamente vai até a cidade de São Leopoldo a 30 quilômetros de Porto Alegre, no Motel Mediterrâneo para se encontrar com o amante. "Vou até lá por que o lugar é lindo, tem três andares, sauna, piscina, e também por causa da magia que é sair do local onde convivo com meu marido." Claudiona indicou o local para uma amiga que foi ao Mediterrâneo e transou na escada. De lá ela podia ver uma montanha de homens trabalhando na rua através de um vidro especial. "Achei muito excitante," confessa. "Eu queria fazer o mesmo."

De acordo com o psicólogo Luiz Oswaldo Leite, o homem é dotado de um espírito de aventura muito forte. "Nós adoramos o desconhecido, o imprevisto, o perigo, e o motel representa isso," explica. "Até o risco de ser flagrado por alguém conhecido é mais emocionante."

Para chamar a atenção dos viciados em motel, a criatividade dos proprietários não tem limites. Em São Paulo, o motel Faraós criou uma decoração toda inspira-

da nos antigos templos egípcios. O Motel Shalimar, no Rio de Janeiro, também apresenta inovações curiosas, como o gravador erótico. Um microfone que serve para o cliente gravar os melhores momentos que passar na suíte. O Motel Vison, em Porto Alegre, possui suítes especiais batizadas de ilhas. A mais sofisticada é a ilha da Fantasia, que tem jardim de inverno com chafariz, piscina térmica com solarium (teto de vidro), cascata, lareira e pista de dança. A ilha mais moderna é a Kiska com uma decoração estilo grego toda em branco e dourado.

LUGAR MÁGICO: Gabriel, O Pensador, um dos cantores jovens mais polêmicos da atualidade, diz que quem não tem compromisso sério com alguém, vai ao motel apenas por falta de opção de local.

Já o motorista Oraci da Silva, 57 anos, discorda dessa idéia. Para ele, independente das condições do lugar, o motel é um local mágico, onde as pessoas se libertam de qualquer preconceito.

Para a psicóloga Sílvia Cristina Moraes, a quebra da rotina é o componen-

te mais importante dos motéis. "As pessoas procuram algo novo, que saia do normal, do corriqueiro. Então elas procuram isto nos motéis e geralmente se frustram, porque dificilmente as coisas correspondem ao esperado", destaca.

É justamente a quebra da rotina que faz o Secretário Municipal dos Transportes, Nazareno Afonso, adorar os motéis. "Lá estou livre de qualquer incomodação. Não tem telefone, empregada, filho incomodando. Além do mais acho muito excitante espelhos e lençóis de seda", confessa.

Gabriel, O Pensador compartilha da mesma idéia. Ele acredita que para os casais que estão juntos há muito tempo, os motéis são uma opção que sai do cotidiano, uma alternativa afrodisíaca. Luiz Oswaldo Leite complementa ainda que, para essas pessoas, o motel representa a casa rica que elas não podem ter. Além disso, no motel, pai e mãe perdem a postura de moralidade que geralmente têm em casa, perante os filhos.

Mas nem todos os motéis oferecem uma super estrutura. Em alguns casos o desejo dos amantes dispensa o requinte e o conforto. "Fui ao Motel Kanto do Éden com meu namorado, depois que transamos é que percebi a falta de privacidade. Dava para escutar tudo que acontecia nos outros quartos. Achei nojento", garante a RP Luciane U. O motorista Oraci da Silva passou por situação pior. "Estes dias eu estava num motelzinho em Viamão quando o dono bate na porta. Eu abri, ele estava com dois baldes d'água na minha frente, e disse, caso eu quisesse me lavar eu poderia usá-la, pois havia faltado água", comenta.

Sofisticados ou não, seja por falta de opção de lugar ou apenas para variar, a grande verdade é que os motéis são muito procurados e bastante lucrativos. (Claudia Borges)

O balé em três movimentos

Primeiro Ato - Tony Seitz Petzhold, 79, nem lembra quando começou a dançar. "Quando criança participava de pequenas peças do folclore Bávaro, no Clube Bávaro (Sogipa) onde meu pai era diretor. Mas foi em mil novecentos e vinte e poucos (não lembra o ano) que abriu a primeira escola de dança de Porto Alegre. O Instituto de Cultura Física", conta Dona Tony.

Em 1929 ocorreu o primeiro espetáculo, no parque de exposições Menino Deus. "Mil e uma noites", onde se destacaram três bailarinas, Lia Basel Mayer, Selma Chemalle e Tony Petzhold.

Dona Tony seguiu para a Europa com sua mãe e tomou aulas de dança em Munique. No retorno a Porto Alegre foi convidada pelas diretoras do ICF, Nina Black e Nenê Dreyer, para assumir a escola. Na direção do ICF Dona Tony montou o balé "Dança das Horas" para apresentar durante as comemorações do centenário farroupilha. Em 1936 voltou à Europa para um ano de estudos de dança com o casal russo Victor e Tatiana Gusovisky. Foi quando descobriu o balé Russo, o qual segue até hoje. "O formalismo e rigidez da escola Inglesa são importantes para a postura no balé, mas a emoção e o calor do balé Russo dão cor à dança. Mais que movimentos perfeitos o balé deve transmitir sentimentos. Quando dançamos devemos levar isso em conta e se preocupar com coisas mais elevadas do que o simples mover-se", diz Dona Tony, fazendo largos gestos com os braços numa postura típica de bailarina.

Hoje continua dando aulas na Escola de Bailados Tony Seitz Petzhold, não lembra de quantos alunos formou. Ela diz que nasceu professora e que a dança e o seu "joie de vivre". Ressalta que começaria tudo outra



Raisa Struchkova e Vladimir Romanenco do Balé Bolshoi em Gisele

vez e que sua missão é dedicar-se de corpo e alma à dança e passar aos outros seus conhecimentos de Balé, da escola Russa. "Em qualquer atividade só a paixão traz a grande alegria e a satisfação emocional e espiritual. E com um grande sorriso acrescenta que "só a paixão pela dança explica toda a minha alegria".

Uma longa vida, dedicada à dança.

Segundo Ato - Nathalie Fonticilha, 22, aluna de relações públicas, estuda balé desde os cinco anos com a professora Lenita Ruschel. Segundo ela o balé é uma filosofia, uma forma de viver, já Relações Públicas é apenas uma profissão. "Acho que uma coisa não tem

nada haver com a outra. Tu pensas como uma bailarina mesmo sem estar dançando, uma vez bailarina sempre bailarina. Eu não conheço ninguém que tenha dançado uma vez, que tenha conseguido se desvencilhar da dança." Para Nathalie que pretende continuar dançando e, inclusive, ingressar em algum grupo profissional, a dança é antes uma necessidade. Fazer aulas de dança é como comer. Uma preparação. No palco isso tudo explode. "É a fruição total, tu tiras a dança que estava presa em ti durante as aulas e a entregas ao público... que sempre te responde" diz ela.

Tatiana Nunes da Rosa, 22, formanda em publicidade, está tentando terminar seu trabalho de conclusão. Ela balança a cabeça em negativa quando pergunto se vai largar o balé. "Não, a dança é um vício. Já faz parte de mim. Você tem de ver meu espetáculo dia 6 de dezembro, é de escola, mas é balé", responde. O prazer da dança é tudo, uma mistura de alegria, suor e dor.

Duas vidas, entre a comunicação e a dança. O prazer é mais forte...

Terceiro Ato - Rossana Ingrid, 14, aluna de balé clássico da Escola Redenção desde os seis anos. "Eu parei de dançar por dois anos, agora voltei. Voltei com muita vontade. Dançar, é... é o prazer de expressar um sentimento, de fazer o que a gente gosta. Eu danço porque acho que é uma coisa bonita", conta Rossana que tem como sonho de vida dançar Gisele e ter uma escola de Balé.

Um começo de vida, uma promessa.

Finale - Não, não temos um final, apenas um eterno começo destas vidas dedicadas à dança. Dona Tony, que começaria tudo outra vez, está certa. O brilho dos olhos destas bailarinas não as deixa mentir. Seu "joie de vivre" é a dança. (Marcelo Silveira)

A música ao alcance de todos

A música é um fenômeno universal, inerente ao ser humano. Todos os povos do planeta têm manifestações sonoras, desde os mais primitivos até os tecnicamente desenvolvidos. E há quem defenda que tudo pode ser música, basta observar atentamente às situações de movimento para perceber que pode haver música num jogo, no pulsar do coração, num grito, nas ondas do mar, numa conversa. E já que tudo pode ser música, J. Jota de Moraes, professor e crítico, defende a idéia de que todos podem ser músicos: "ser músico não é apenas compor obras a partir de certos padrões já devidamente catalogados por determinada tradição, mas também inventar novos processos composicionais." Para Gino Stefani, músico e professor, música é puro prazer. "É ouvir para sentir-se. Sentir-se melhor. Ninguém busca a música, por trabalho ou entretenimento, se não gostar dos seus estímulos, se não apreciar sua harmonia." Segundo Stefani, os cantores e instrumentistas se expressam e se realizam através de suas interpretações e criações. Mas não são só eles: a música está ao alcance de todos; a vontade de tocar, e, principalmente cantar, aparece a qualquer momento, e alegre e exprime o que vai na alma.

DEDICAÇÃO - Talvez esta seja uma boa explicação para entender as pessoas que dedicam sua vida à música. Elis Regina disse, certa vez, que "cantar, para mim, é sacerdócio. O resto é o resto". Todo seu envolvimento com a arte de interpretar, ao que tudo indica, apesar de sua curta carreira, valeu a pena: ela foi, e ainda é, considerada a maior cantora brasileira. E, com toda a razão, era apaixonada pela sua própria voz...

Outro exemplo de quem fazia da música sua razão de viver é a pianista francesa Magdalena Tagliaferro, um dos grandes mitos da música erudita do mundo inteiro, com mais de 80 anos dedicados ao piano. Ao ser questi-

onada sobre a emoção que sentia quando executava seu repertório, ela respondeu que se envolvia tanto com os sons, que, em público, se separava do mundo e passava a viver numa esfera superior. Dizia que "até poderia viver sem a música, mas não tão bem..."

Eloy Fritsch é tecladista da banda gaúcha Apocalypse, de rock progressivo. Toca porque gosta, para ele, música é paz de espírito, é companhia, é perfeição. "Quando fazemos um show e o público entende nossa proposta, vibrando e nos passando energia, é muito recompensador. Dá vontade de tocar mais e melhor", explica.

APRECIADORES - Mas há também os apreciadores da música, os que sentem prazer em simplesmente ouvi-la, desfrutando seus acordes através de aparelhos sonoros, ou em comportadas salas de concerto, ou ainda em auditórios lotados. O professor Stefani cita uma pesquisa de opinião onde jovens responderam porque gostam de assistir a shows de rock. O resultado da pesquisa foi que "ninguém vai a um show só para ouvir música ao vivo. A tecnologia moderna, sem dúvida, faz milagres no que se refere à fidelidade acústica. Mas o que mais interessa é ver quem está tocando." Isto porque os músicos, principalmente o cantor, não são apenas intérpretes, mas os responsáveis por um grande espetáculo. Ou seja, "o show de rock é uma festa, um rito onde todos celebram a música." Exemplos concretos? As recentes apresentações de Michael Jackson e Madonna, no Brasil.

A estudante de Agronomia Adriana Alencar tem predileção pela música popular brasileira "de qualidade", salienta. Em casa, o aparelho de som está sempre ligado. "Até tenho uma voz afinada e gosto de cantar, mas ouvir Elis Regina e Zizi Possi me emociona demais. Acho lindas as composições de Chico Buarque e Caetano Veloso, eles falam muita coisa que eu penso."

TERAPIA - Mas música também pode ser terapia, funcionando como estímulo do comportamento. A Musicoterapia começou a ser desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial, quando terapeutas norte-americanos perceberam que a música era um excelente auxiliar no tratamento psicológico dos soldados mutilados. A partir daí, pesquisadores do mundo inteiro passaram a estudar com afinco a possibilidade da relação terapêutica se dar através dos códigos musicais.

Em Porto Alegre, o estudante de Música André Brandalise está se especializando em Musicoterapia. Há 3 anos, André trabalha com pessoas portadoras da Síndrome de Down, paralisia cerebral e autistas. "O trabalho com estas patologias superou minhas expectativas. Me encantou todo o processo que posso conseguir com a música, a maneira como a música entra em cada pessoa", comenta ele. A Musicoterapia também pode ser usada como alternativa no tratamento de dependentes químicos, ou das chamadas pessoas neuróticas ou depressivas.

UNIVERSO - Música é isso tudo: liberdade, identidade, emoção, sentimento. Estamos sempre à procura de sons agradáveis, vivemos mergulhados num universo deles. Cabem aqui as palavras do romancista Thomas Mann: "Grande é o mistério da música. Pela sua natureza simultaneamente sensual e supra-sensual, pela sua espantosa reunião de rigor e sonho, de normalidade e magia, de razão e sentimento, de dia e noite, ela é sem dúvida alguma a mais sedutora manifestação da cultura e da humanidade - a mais profunda, e, no plano filosófico, a mais inquietante." E, lembrando Elis Regina, "nada me segura quando o maestro conta um, dois, três e quatro." (Mônica Kanitz)

Esporte: a auto-superação que conduz ao prazer

O prazer causado pelo esporte está relacionado com motivações pessoais e com uma série de alterações que acontecem no organismo durante o exercício físico, provocadas pela associação de múltiplas substâncias que são produzidas.

O professor de Fisiologia Álvaro de Oliveira explica que, durante a atividade física, o sistema nervoso estimula a produção de substâncias com estrutura química semelhante ao do ópio. Entre as que exercem efeito mais significativo sobre o organismo estão as endorfinas. Neste grupo, destaca-se a beta-endorfina, substância de estrutura e efeito semelhantes aos da morfina.

A beta-endorfina é secretada no cérebro pelo hipotálamo e lançada na corrente sanguínea, onde provoca efeito generalizado. Sua ação sobre o sistema nervoso central provoca sensação de bem-estar, ao mesmo tempo em que sua atuação sobre o sistema nervoso periférico causa analgesia, fazendo com que o desportista sinta uma espécie de amortecimento dos membros.

A intensidade e a duração do exercício necessárias para que a produção de beta-endorfina atinja níveis significativos varia de acordo com cada organismo. Sua secreção aumenta mais rapidamente se o trabalho desenvolvido for aeróbico. Em atividades anaeróbicas, é preciso cerca de uma hora de exercício para que seja produzida em quantidade suficiente para gerar os efeitos de relaxamento e bem-estar.

O efeito da beta-endorfina sobre o organismo dura aproximadamente três horas após o término da atividade física e deixa o atleta relaxado por um longo período de tempo, explica Álvaro de Oliveira. Alguns desportistas habitam-se de tal forma aos efeitos provocados pela beta-endorfina, que apresentam uma espécie de dependência química da substância. Nessas pessoas, a interrupção da rotina de treinamento gera mudanças de comportamento, deixando o atleta tenso, irritado e com insônia. É o caso dos chamados "corredores obrigatórios".

A vice-campeã brasileira de vôlei juvenil Mônica Dallila Corte, 18 anos, treina durante três horas diárias, há seis anos. "O dia que não treino, fico tão agitada que não consigo estudar. Parece que falta alguma coisa. Sou capaz de deixar tudo para vir treinar", afirma.

A beta-endorfina é produzida em qualquer situação de stress. O stress é um quadro multifatorial que tem origem em estímulo externo (físico ou psicológico) e gera um efeito generalizado sobre todo o organismo. O exercício físico é a forma mais intensa de stress que pode ser atingida pelo homem. Quando as pessoas são submetidas ao stress clássico, provocado por alterações emocionais, a adrenalina aumenta até 500 pmol/ml. O exercício físico, quando utiliza a capacidade máxima do atleta, gera um aumento de até 2.500 pmol/ml de adrenalina no organismo.

A adrenalina provoca aumento da frequência cardíaca, da ventilação e da pressão arterial, além de dilatação da pupila, sudorese, parada do sistema gastrointestinal e vasoconstrição periférica. A adrenalina ainda faz com que os reflexos fiquem mais rápidos, colocando a pessoa em estado de alerta, pronta para responder a qualquer estímulo.

O quadro de stress gera, imediatamente, uma adaptação do organismo

para a nova situação. Segundo Álvaro de Oliveira, os desportistas, por estarem freqüentemente submetidos a condições de stress, ficam mais preparados para enfrentar situações inesperadas, porque seu organismo está mais habituado a sofrer alterações. Ele diz que o coração do atleta torna-se mais eficiente, graças à diminuição da frequência cardíaca e ao aumento da força de contração.

Se a prática do esporte por si própria já é uma forma de stress, pode-se dizer que as situações desportivas provocam as mais diversas transformações no campo emocional do atleta.

A professora de Psicologia do Desporto Suzana Schuch Kieling afirma que as experiências vivenciadas durante a prática desportiva influenciam na formação da personalidade do atleta, servindo como uma espécie de treinamento para o convívio social. Ao mesmo tempo, os inúmeros desafios que o desportista precisa vencer colocam-no constantemente diante de si mesmo, fazendo com que o desempenho alcançado nessas situações de prova interfira na formação do auto-conceito.

O prazer provocado pelo esporte, segundo Suzana Kieling, vem da ligação que se estabelece entre o indivíduo e seu corpo. A atividade física permite que a pessoa conheça seus limites e potencialidades, utilizando-o de maneira organizada. É uma apropriação do corpo, diz ela. Para a remadora Dóris Geiss, campeã brasileira de skiff e double-skiff: "o esporte é uma relação de amor com o corpo. É bom acompanhar as mudanças que ocorrem, o auto-conceito melhora".

O prazer ainda está associado à satisfação das necessidades individuais que levam as pessoas a procurar o esporte. De acordo com a Teoria das Motivações, desenvolvida por Maslow, o homem direciona suas atitudes para a satisfação das seguintes necessidades: fisiológicas, de segurança, de amar e pertencer e de auto-superação.

O remador Marcelus Marcelli Silva, 20 anos, seis vezes campeão brasileiro e três vezes campeão sul-americano, diz que o prazer do esporte vem da competição, da vitória, da conquista de um objetivo e da auto-superação. Marcelus treina há seis anos, durante quatro horas por dia, e considera o esporte a coisa mais importante da sua vida: "O que toma mais tempo do meu dia é o esporte. É o principal da minha vida. O que eu faço, é remar".

O homem está sempre buscando crescimento e superação. Nessas condições, o esporte representa uma forma da pessoa descobrir-se para o seu prazer. (Ana Lucia Brochier Kist)



O prazer e a neurose no trabalho excessivo

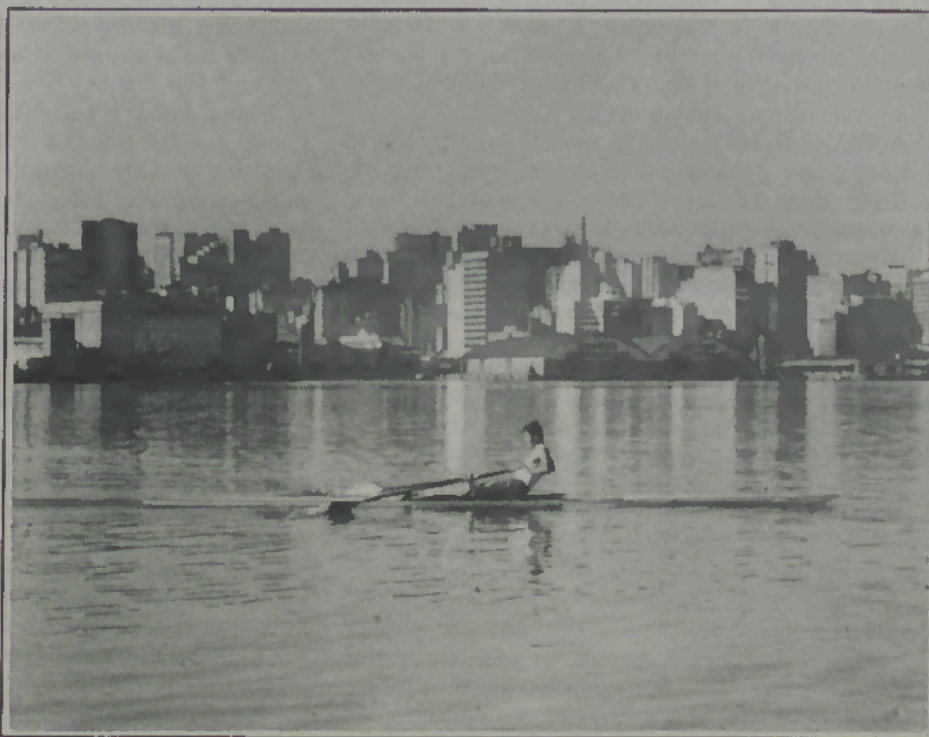
O viciado em trabalho, de acordo com os psicólogos Simone Armentano Bittencourt e Gaspar Reis, não difere, em princípio, de um viciado em cigarros, por exemplo. Para eles, a base sintomática opera em ambos os casos com a mesma intensidade. Trata-se de um comportamento que procura, sem limites, obter a "reparação de uma ruína", explicam. O workaholic, como é conhecido, o trabalhador excessivo, não possui um perfil que revele esta tendência. Pelo contrário, em muitos casos a escolha é tomada a partir de um fator desencadeante: uma grande perda, culpa, dívida. Gaspar cita o caso do Japão, que na opinião do psicólogo, é um país workaholic. "É como se todos os cidadãos procurassem reparar as feridas deixadas pelas bombas de Hiroshima e Nagasaki", conclui. Os estudos realizados nesta área, pela psicologia, revelam que existem apenas dois traços que caracterizam o perfil do super-trabalhador: o prazer com o isolamento e a necessidade competitiva. Afora isso, muito pouco tem se conseguido levantar. As dificuldades em reconhecer, principalmente, as consequências desta atividade executada em demasia está no fato de que "o social não impõe limites, não questiona esta prática. Ela é sempre avaliada sob o ponto de vista positivo, pois traz resultados para a produção". Prova disto é a proliferação, na capital paulista, de restaurantes equipados para atender workaholics, onde às mesas são acoplados fax-símile, microcomputador e telefone. No entanto, as mazelas existem e se apresentam na forma de um progressivo empobrecimento das relações sociais e afetivas. "O indivíduo perde a noção do tempo e passa a não saber o que fazer com o tempo livre", diz Simone.

Nas várias citações a seguir S.N., 24 anos, que preferiu não ser identificado, conta a sua rotina na empresa de computação gráfica que trabalha há um ano e meio. Antes de ter iniciado nesta profissão confessa que a odiava, pois não a considerava importante.

O dia de S.N. segue uma ordem que dificilmente é alterada: acorda, toma banho, toma café, pega o ônibus e vai para a frente do microcomputador, atividade que exerce por, pelo menos, oito horas diárias. "Teoricamente não deveria passar de quatro horas. Eu já cheguei a ficar na frente do computador 41 horas, direto. Meus olhos lacrimejavam, não tinha controle nas mãos", confessa.

Para S.N., a possibilidade de exploração dos programas é a causa do vício. "Eu não sei até onde é desafio, até onde é vício. Tenho vários sonhos que opero computadores, faço peças gráficas, editoro, tudo em função deste cotidiano." A jornada estressante não está restrita à empresa, onde é funcionária. Conta que, normalmente, após terminado o expediente oficial de trabalho, passa a utilizar o microcomputador que possui em casa. "Se por um acaso, falta luz em casa ou tem outra pessoa usando (o micro), revelam-se as neuroses: ou eu arrumo alguma coisa, ou eu bagunço."

Além dos computadores, S.N. revela que tem outros afazeres, como um companheiro, que costuma lhe dizer: "Desliga, por favor", ler revistas e livros sobre editoração eletrônica e sair para beber com os amigos, "Consigo desligar por pouco tempo, o suficiente para sentir as baterias recarregadas". (Denise Garcia, Paulo Ramos)



A atividade física produz no corpo um efeito semelhante ao ópio

As quatro faces do Mercado Público

(Um roteiro gastronômico no centro nervoso de Porto Alegre)

O que a primeira vista indica uma séria infecção intestinal, pode ofender um dos redutos mais tradicionais da cidade. Território de velhos boêmios, filósofos de mesa de bar, poetas de ocasião e simples mortais. São os Bares e Restaurantes do Mercado Público, a mais antiga rede de "fast-food" de Porto Alegre.

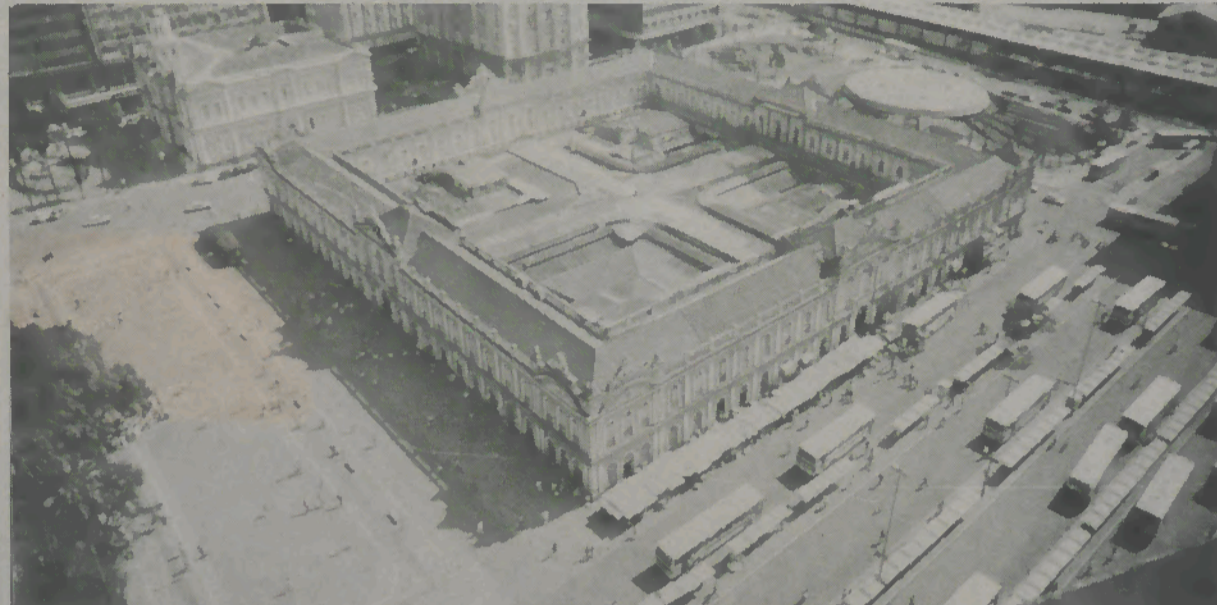
Os lugares são malditos. Na maioria não apresentam cardápios de manjares com nomes importados. São sugestões simples onde prevalece o arroz e feijão, acompanhado de bife, ovo, salada e, claro, uma cervejinha. Ao mesmo tempo, os petiscos são de arrepiar, uma variedade de frituras que vão desde bolinhos e pastéis, até peixes (em posta e inteiros) e o famoso ovo em conserva.

Bem ali, no histórico centro da capital gaúcha, o Mercado Público está como uma ilha, vizinho do ilustre Chalé da Praça XV e do caseiro Restaurante da Dona Maria. Nesta ilha os tradicionais nomes do Gambrinus, Naval, Pão de Açúcar, Banca 40, são guardiões de uma história que continua acontecendo.

PRIMEIRA PARADA

Na face norte do antigo prédio, onde começa a Avenida Júlio de Castilhos, bem como na fachada de frente para o terminal de ônibus da Praça Parobé, os bares ficam abertos até mais tarde, funcionando das oito da manhã até às dez da noite. É justamente nesta ala, das bancas 23 a 59, que mora o perigo. Talvez por estar voltada para o cais do porto e, certamente, ter sido durante anos a porta de entrada dos marinheiros que chegavam na cidade, nestes bares só quem tem o fígado curtido e um estômago de aço, pode aguentar as iguarias. Para se ter uma idéia, o prato principal, anunciado a giz em quadro negro em todas as portas, é o mocotó, mesmo que a temperatura chegue aos 34 graus durante o dia. O preço é bem convidativo, pois, no máximo, uma tigela cheia custa menos de um dólar.

No lado oposto, onde fica o Largo Glênio Peres, se encontram as duas panificadoras que funcionam durante todo o dia. Na esquina do Largo com o terminal de ônibus está a Panificadora Copacabana, que fica aberta das seis às vinte duas horas, servindo lanches e oferecendo diversos tipos de pães, como o Francês, o Amanteigado, o de Centeio, o Vitaminado, o Sovado, o Pão d'água e o de queijo. Das cinco da manhã às sete da noite tem pão saindo do forno na Copacabana. Ainda pelo lado do Largo, quase na esquina da Borges de Medeiros, entramos na Padaria Pão de Açúcar, que abre das cinco e meia



A mais antiga rede de Fast-Food da cidade

até às vinte e duas horas, sendo que, mesmo quando fechada, o forno fica funcionando para a produção de pães, tortas, cucas e doces. É na Pão de Açúcar que se pode encomendar tortas, não apenas as tradicionais como a Marta Rocha, a de Ricota e de chocolate, como a Madona feita com fios de ovos, leite moça, nata, ameixa e côco.

MERCADO VIP

Agora, é no lado da Av. Borges de Medeiros que o Mercado Público nos apresenta sua face mais "clean". Neste lado, em que o sol só bate à tarde, que fica a Sorveteria Martini (no lugar do antigo Restaurante Treviso), um estabelecimento aos moldes das lancherias dos "shoppings" e que serve, como especialidade da casa, o Prato Tropical, a base de frutas, além do bufê com massa, arroz, saladas e carne de panela. Vindo em direção ao Largo encontramos primeiro o Gambrinus, uma centenária confraria e onde, com certeza, se come os melhores pratos do Mercado Público, como o Bacalhau à Gambrinus (feito eventualmente), a Picanha à Moda da Casa, Tainha Recheada com Camarão, além dos pratos com carnes de coelho, carneiro e vitelas, que em nada ficam devendo para as melhores cozinhas da cidade, nem mesmo os preços, que chegam no máximo a US\$

10,00 e pelas porções que chegam a ser suficientes para duas pessoas. É no Gambrinus que tradicionalmente almoçam os prefeitos em exercício. Logo ao lado entramos no Naval, o mais antigo em funcionamento, onde as únicas coisas que não são originais, dentro do bar, são os fregueses, que mudam com o passar dos anos, e o seu João Costa, proprietário do estabelecimento há "apenas" 32 anos. No Naval o cardápio oferece chopp, bolinhos de carne, peixe frito, chuleta de porco, salgadinhos, carreteiro e bifês no verão, mocotó e feijoada no inverno. Nesta ala o horário de funcionamento é das oito às vinte horas.

Mas não é só da aparência exterior que vive o mundo culinário do Mercado Público. Entrando pelo portão que fica em frente da Av. Siqueira Campos, chegamos ao único lugar, dentro do Mercado, que oferece lanche ao público, ou melhor, não propriamente lanches, mas especialmente sobremesas. É na Martins Importação e Exportação de Frutas, a famosa Banca 40, que se pode saborear a salada de frutas com sorvete ou nata. Para conseguir provar esta especialidade somente no horário de atendimento externo do Mercado Público, das sete e meia às dezenove e trinta. Os preços variam de US\$ 1,20 a US\$ 1,90. (Paulo Augusto Cabral)

Gambrinus, uma confraria aberta ao público

Dentro da ilha cosmopolita que é o Mercado Público, o GAMBRINUS se destaca como um restaurante de primeira linha, com uma freguesia selecionada, incluindo até mesmo os prefeitos da capital, desde a gestão de João Dib, passando por Alceu Collares, Olívio Dutra, até o atual, Tarso Genro.

O seu Antonio Dias de Mello, 49, um português que chegou ao Brasil em 1951, com sete anos de idade e que há trinta administra o GAMBRINUS, contou para o 3X4 a história desta casa fundada há 104 anos atrás, por um grupo de alemães, que solicitaram à prefeitura um espaço onde pudessem confraternizar.

3X4: O Gambrinus tem a característica de um estabelecimento tradicional, como iniciou esta história?

Seu Antonio: O Gambrinus consta ter sido uma casa que durante muitos anos não teve esta característica, hoje é uma casa que deve ter cento e quatro anos de existência, vinte anos mais que o Mercado, fundada por um grupo de alemães que vieram para Porto Alegre, trabalhar na Usina, e que teriam solicitado à prefeitura um espaço onde eles pudessem se reunir, porque vinham de uma região da Alemanha onde tinham por hábito fazer estas confraternizações. Então o Gambrinus, durante muito tempo, se caracterizou como um ambiente fechado, restrito a um grupo de pessoas, sem caráter comercial.

Era uma confraria. A partir de uma certa época, de 1930 até 1940, um casal, que prestava serviço a este grupo, foi formando a coisa mais comercial. Depois de 1940, um dos garçons, que trabalhava com este casal, assumiu o Gambrinus comercialmente, como um restaurante.

3X4: Quando o senhor assumiu a direção da casa?

Seu Antonio: Eu estou aqui desde 1964. Já tenho quase 30 anos aqui dentro. Quando vim para cá o local estava sofrendo esta transformação, deixando de ser aquele recinto fechado, onde uma vez por semana ainda se reuniam os remanescentes da clientela selecionada de alemães. Como isto estava em decadência e a casa tinha uma tradição de vender bebida, muito chope, mas isto também era um processo que estava mudando. Há trinta anos atrás o pessoal portuário, funcionário público, entregador de carta, era cliente em potencial do Mercado. Eles tinham um ganho muito bom que permitia todos os dias estarem festejando.

3X4: Como foi enfrentar a concorrência do Restaurante Treviso e do Guaraxaim, que eram locais tradicionais na época?

Seu Antonio: Eram os dois restaurantes mais tradicionais de Porto Alegre que tiveram de fechar suas portas porque, em 1970, houve a intenção do setor público de desmanchar o Mercado e uma das formas que encontra-

ram, para forçar a desocupação dos espaços, era não permitir que os estabelecimentos comerciais fizessem reformas. E o Treviso necessitava reformas de manutenção nas suas instalações. Como a prefeitura não deixava, eles acabaram fechando. Eu, felizmente, estava com as minhas instalações em dia, me mantive aberto e tive a felicidade de visualizar um mercado que poderia conquistar. Então o que aconteceu? Comecei a ir para a linha de refeições a partir do fechamento dos dois restaurantes tradicionais da cidade.

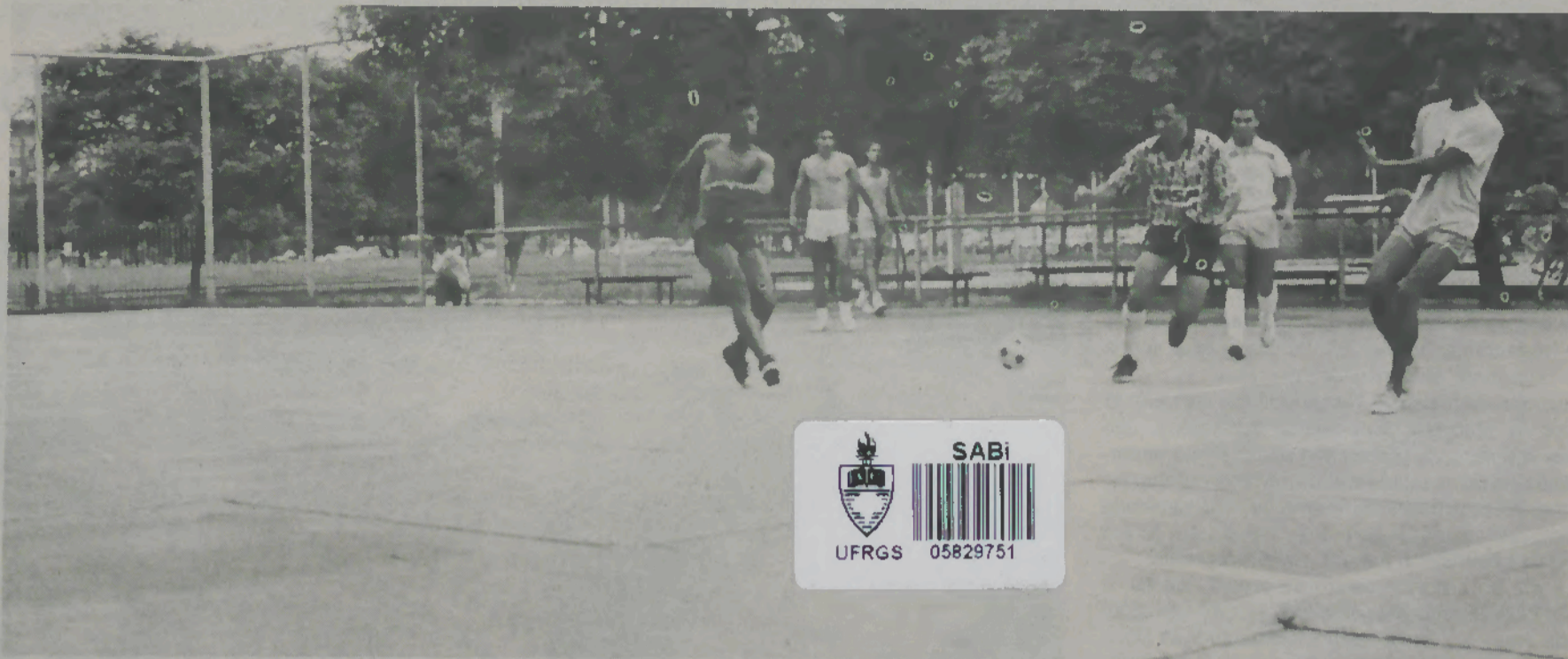
3X4: Tradicionalmente os prefeitos em exercício frequentam seu restaurante, quais as especialidades que o senhor serve para estes ilustres fregueses?

Seu Antonio: Nos últimos anos todos os prefeitos foram clientes do Gambrinus. O doutor Tarso tem uma dieta alimentar muito meticulosa e quando vem aqui come grelhados, um frango, filé ou peixe, mas tem uma característica interessante, até na hora de refeição ele trabalha, na maioria das vezes a refeição é enviada em embalagens térmicas para o gabinete, raras vezes vem aqui, mas eu diria que quase diariamente ele come nossas especialidades. Já o doutor Alceu gostava de variar. O doutor Dib gostava muito da Rabada e do Quibe que fazemos às quintas-feiras. E o doutor Olívio gostava também da Rabada e da Costelinha de Panela.

Prazer é uma realização pessoal, tanto financeira quanto emocional.
Antigamente assistir aos jogos do Inter também era um prazer, mas hoje não dá.

DIETER BOECKS, aposentado

NELSON FURTADO



Suburbano pede licença e vai à farra

A bússola da diversão em Porto Alegre aponta sempre para os mesmos caminhos. A classe média e a pequenoburguesada da Cidade Sorriso rumam incontinenti para a 24 de Outubro, a Independência e Osvaldo Aranha. Recentemente, a Nilo Peçanha e a Dom Pedro II também entraram neste seletivo itinerário. Mas, há outros portos-alegrenses que não têm condições de gastar, no mínimo, 13 dólares numa casa noturna como seus abastados contemporâneos. A concentração de entretenimento no porto que um dia já foi de Elis fica na zona oeste da cidade. Isso não significa que os moradores das zonas norte, sul e leste deixam de gozar os prazeres da vida. Os suburbanos - ou periféricos - apresentam algumas formas de lazer alternativas e algumas até inusitadas.

O brasileiro, outrora morador do país onde se praticava o melhor futebol do mundo, faz da pelada do fim de semana uma atitude inata. Nos subúrbios, esta tradição se mantém firme. Lá estão localizados os raros areões e as escassas várzeas que ainda não foram atingidos pela especulação imobiliária.

"Esta é a única diversão do pobre", afirma o mecânico Alceu Menezes, que todos os fins de semana defende as cores do **Guarani Futebol Clube** no campeonato realizado no Campo da Tuca. "Faça sol ou chuva nós estamos sempre jogando aqui, pois a galera é fominha mesmo", atesta Ronaldo dos Santos, morador das imediações e zagueiro do **Santa Catarina Esporte Clube**, participante do mesmo campeonato.

A massa que verdadeiramente enche os estádios é composta pelos torcedores que ficam nas populares, nas gerais e na **coréia** (local cujo preço do ingresso é o mais barato e o torcedor assiste aos jogos de pé, atrás do gol e próximo ao fosso que separa as arquibancadas do grama-do). É o caso do aposentado Erni Gonçalves, morador do Parque dos Maias, que não perde um jogo do Internacional no Beira-Rio.

Gonçalves confessa que em dia de semana chega às cinco da tarde para o jogo que começa às nove da noite. Nos domingos, quando as partidas iniciam no meio da tarde, é normal ele já estar no estádio com seu radinho de pilha às 11 da manhã, logo após a abertura dos portões. "Meu maior prazer é ver o Colorado ganhar", declara.

PISCINA OLÍMPICA - Algumas escolas de samba em Porto Alegre não restringem suas atividades apenas ao Carnaval. É o caso da **Estado Maior da Restinga** e da **Império da Zona Norte**, duas típicas agremiações de comunidade. Moradores da região e muitos "estrangeiros" simpatizantes participam das várias promoções que estas escolas organizam. "O lazer do restingense se

resume à **Tinga**, diz um dos diretores da Estado Maior, Flávio Ribeiro. "Os moradores dos bairros Navegantes, São João, São Geraldo e Humaitá vêm todos para cá", afirma o presidente da entidade da Zona Norte, João Carlos Martins, o *Gago*.

Ao dizer que o divertimento do morador da Tinga está na escola, Ribeiro se refere à magnífica infra-estrutura que sua escola tem. Os associados usufruem piscinas olímpicas, quadras de esporte, salões de festa, churrasqueiras e outros privilégios. Com 180 mil habitantes, a Restinga é uma cidade dentro de Porto Alegre. O morador do bairro literalmente viaja para ir até o Centro. Os ônibus demoram uma hora e dez minutos para chegar até a avenida Borges de Medeiros. "Não é necessário sair daqui para se divertir", conclui Flávio Ribeiro.

Durante os preparativos para o Carnaval, a Império da Zona Norte abriga até dez mil pessoas em sua quadra de ensaios, na avenida Sertório. No resto do ano, o local é aproveitado para promoções da própria entidade e cedido para eventos de terceiros, como almoços comunitários, aniversários e outras comemorações.

POINTS RELIGIOSOS - Ir à missa há muito deixou de ser apenas um ato de devoção. Pelo menos para os frequentadores da paróquia São José do Murialdo, no Partenon. Nos sábados e domingos a Igreja lota e a missa mais concorrida é a das sete da tarde. Não são somente os carolas que entoam os hits religiosos *Cordeiro de Deus* e *Eu Louvarei ao Meu Senhor*. Crianças, casais, velhos e até jovens de tendência **grunge** comungam e ouvem a palavra de Deus. O padre Angelo se diz maravilhado com o novo pensar de sua comunidade. "A igreja se transformou num reduto de aglutinação social, onde todos se conhecem e têm tempo para conviver, fora do atropelo do dia-a-dia."

Uma outra liturgia com laços estreitos com o subúrbio é a Umbanda. Os terreiros e centros espíritas também viraram pontos de lazer. As festas para os orixás contam com a presença não apenas dos adeptos do culto, mas também de "gente grã-fina cheia de jóias", como afirma a mãe-de-santo Marisa Leal Mendes. "Muitas pessoas ficam do lado de fora em nossas sessões", diz a religiosa.

Marisa arranhou duas maneiras de privilegiar os visitantes de seu terreiro, localizado no Morro Santana. Uma é o horário. Se os rituais começassem cedo, terminariam de madrugada, não havendo condução para as pessoas voltarem para casa. Marisa resolveu iniciar as sessões entre meia-noite e uma da manhã, estendendo-as até às cinco, horário dos primeiros ônibus. A outra é a alimentação. As festas na casa de Marisa são famosas no

bairro devido à grande variedade de comida que é oferecida aos convidados.

FAROFA - O Havaí não é aqui, mas o Lami sim. Na falta de um litoral, o porto-alegrense se contenta com um balneário fluvial. Pessoas vindas dos bairros mais distantes adotaram o Lami como sua praia para o calor dos fins de semana. Praia não é bem o termo, já que as águas do Guaíba não recomendam um mergulho. Mas as pessoas se divertem tomando sol e se refrescando nos chuveiros públicos. Os mais ousados - ou imprudentes - se aventuram num banho em águas não muito insípidas, nem incoloros muito menos inodoras.

Sadi do Amaral, morador da Cavallhada, não perde a oportunidade de pegar um bronze no Lami quando faz calor. "É quase igual a Tramandaí ou Pinhal", explica. "A sensação de estar numa praia de verdade é a mesma."

A vontade de se sentir próximo ao mar é tanta que os mais exagerados levam a família e comida para passar o dia inteiro. "Meus filhos jogam bola, a mulher bota um maiô e trazemos até a galinha com farofa", diz Antônio Di Primo, morador do Jardim do Salso. Ele põe a mulher e os três filhos em sua Brasília 81 e parte de manhã cedo rumo ao Lami. "Esta é a nossa diversão quando o dia está muito quente. No inverno, a gente costuma visitar uns parentes que moram em Cachoeirinha", conta Di Primo.

ÍNDIO NÃO I - Os suburbanos porto-alegrenses travam diariamente uma batalha contra o tédio. A diversão dos moradores dos bairros mais afastados do Centro às vezes pode ser confundida com um programa de índio para a classe média.

"O prazer da minha empregada é viajar de ônibus", declara a dona de casa Ivone Teixeira, moradora do Bom Fim. "O que eu acho estranho é que ela se arruma toda nos domingos de passe livre só para andar de ônibus." De fato, a empregada de Ivone, Eroni Fátima Martins, de 19 anos e moradora da Lomba do Pinheiro, adora viajar de graça nos coletivos. Ela chega a pegar até oito ônibus diferentes. "É um jeito de passear, conhecer a cidade e gastar quase nada", declara a doméstica.

Morar longe do Centro, fora de zona, morar perto do fim do mundo, onde o diabo perdeu as botas. Muitas vezes o suburbano é obrigado a ouvir estas e outras gracinhas em relação ao seu habitat. Mas a diversão mais espontânea, mais lúdica e brejeira parece estar nos bairros onde as crianças ainda pulam corda, brincam de pé no chão nas praças, os moradores fazem seu churrasquinhos nos quintais e fazem seu lazer sossegados. Não existe pecado em ser periférico. (**Gerson Brisolara é suburbano assumido e orgulhoso**)